

## INDÚSTRIA CULTURAL: MITOS SOBRE A NATUREZA

## USE OF THE OWN CUP AS A WAY TO CULTURAL INDUSTRY: MYTHS ABOUT THE NATURE

Barbara de Oliveira Rosa - UNESP  
Edney Wesley Antunes - UNESP

### Resumo

O artigo se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica compreende como se constitui o conceito de natureza para Adorno e Horkheimer na obra Dialética do Esclarecimento, analisando como a racionalidade domina a natureza transformando-a no modo de produção capitalista em mera mercadoria. Assim, a pesquisa bibliográfica contribuiu para caracterizar a relação homem e natureza. Também relacionamos à visão de natureza que é perpassada pela indústria cultural, mostrando que o capitalismo não domina apenas a vida material, mas o imaginário, o pensamento e as ideias dos sujeitos, criando-se uma falsa ideia de como devemos nos relacionar com a natureza. Por tanto, só conseguiremos a emancipação humana, quando não explorarmos também a natureza e o homem.

**Palavras-chave:** Natureza. Racionalidade. Indústria Cultural.

### Abstract

The article is characterized as a bibliographical research understands how constitutes the concept of nature for Adorno and Horkheimer in the Dialectic of Clarification, analyzing how rationality dominates the nature transforming it into the mode of capitalist production into mere commodity. Thus, the bibliographical research contributed to characterize the relation man and nature. We also relate to the vision of nature that is permeated by the cultural industry, showing that capitalism dominates not only material life, but the imaginary, thinking and ideas of the subjects, creating a false idea of how we should relate to nature . Therefore, we will only achieve human emancipation, when we do not also explore nature and man.

**Keywords:** Nature. Rationality. Cultural industry.

Recebido em: 20/01/2019  
Publicado em: 13/07/2019

## INDUCCIÓN CULTURAL: MITOS **Introdução** SOBRE LA NATURALEZA

### Resumen:

El artículo se caracteriza como una investigación bibliográfica comprende cómo se constituye el concepto de naturaleza para Adorno y Horkheimer en la obra Dialéctica del Esclarecimiento, analizando cómo la racionalidad domina la naturaleza transformándola en el modo de producción capitalista en mera mercancía. Así, la investigación bibliográfica contribuyó a caracterizar la relación hombre y naturaleza. También relacionamos a la visión de naturaleza que es atravesada por la industria cultural, mostrando que el capitalismo no domina sólo la vida material, sino el imaginario, el pensamiento y las ideas de los sujetos, creándose una falsa idea de cómo debemos relacionarnos con la naturaleza. Por tanto, sólo conseguiremos la emancipación humana, cuando no explotamos la naturaleza y el hombre.

**Palabras clave:** Nature. La racionalidad. Cultural industry.

Nosso estudo se objetiva em como se constitui o conceito de natureza para Adorno e Horkheimer na obra Dialética do Esclarecimento, analisando como a racionalidade a domina e a transforma em tempos de capital em mera mercadoria. Também relacionamos à visão de natureza que é perpassada pela indústria cultural, mostrando que o capitalismo não domina apenas a vida material, mas o imaginário, o pensamento e as ideias dos sujeitos.

A importância de estudar o conceito de natureza para esses autores se constitui na medida em que possibilita compreender a relação homem e natureza, olhando para além das aparências que a indústria cultural impõe, conhecendo os mecanismos de opressão e buscando desmistificar/desconstruir ideologias prontas sobre a temática.

Só por meio da educação ambiental, é que poderemos enquanto profissionais de diversas áreas (assistente sociais, pedagogos, psicólogos) construir novas visões de mundo, construir novos conhecimentos, valorações, sentimentos em relação à questão ambiental, trabalhando para a formação crítica do aluno.

Assim, a importância da educação ambiental se faz com a problemática atual da degradação ambiental que afeta a vida na terra, “a consciência ambiental se manifesta como uma angústia de separação e uma necessidade de reintegração do homem na natureza” (LEFF, 1999, p. 117).

Assim, a luta não se constrói somente contra o capitalismo, mas “(...) contra os efeitos devastadores e degradantes do sistema capitalista na sua consciência de classe.” (LUKÁCS, 1969, p. 55).

### Metodologia

Recorremos à pesquisa bibliográfica, nos aprofundamos sobre a temática, trabalhamos conceitos, propondo questionamentos e reflexões sobre a mesma. O trabalho ficou dividido em dois tópicos principais: o primeiro, o conceito de natureza para Adorno e Horkheimer, a partir da racionalidade como forma de dominação da natureza. O segundo, sobre os discursos sobre a natureza, desenvolvidos pela indústria cultural, a racionalidade como forma de dominação do pensamento.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir

do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (FONSECA, 2002, p. 32).

Utilizaremos a abordagem qualitativa. Para Prus (apud MOREIRA, 2002, p. 50-51) os estudos nas ciências humanas e sociais consideram “não apenas agentes interpretativos de seus mundos, mas também compartilham suas interpretações à medida que interagem com outros e refletem suas experiências no curso de suas atividades cotidianas”.

A pesquisa qualitativa usa métodos múltiplos que são interativos e humanísticos. Os métodos de coleta de dados estão crescendo e cada vez mais envolvem participação ativa dos participantes e sensibilidade aos participantes do estudo. Os pesquisadores qualitativos buscam o envolvimento dos participantes na coleta de dados e tentam estabelecer harmonia e credibilidade com as pessoas no estudo (CRESWELL, 2007, 186).

### Discussão Teórica

Adorno e Horkheimer na obra *Dialética do Esclarecimento* (1985) trazem a discussão sobre a racionalidade, a ciência moderna, como forma de dominação da natureza. Um termo que os autores utilizam é o “esclarecimento” (*Aufklärung*), que se define por “desenvolvimento histórico da razão”, O “esclarecimento” é o marco do período iluminista, seria um processo de libertação das necessidades humanas, um processo de desencantamento do mundo, por meio da dominação da natureza através da racionalidade abstrata.

O termo é usado para designar o processo de “desencantamento do mundo”, no qual as pessoas se libertam do medo de uma natureza desconhecida, à qual

atribuem poderes ocultos para explicar seu desamparo em face dela [...] É processo pelo qual, ao longo da história, os homens se libertam das potências místicas da natureza (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 7-8).

Assim, o “esclarecimento” é o processo de dominação da natureza, “tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 17).

O termo “esclarecimento” não foi criado por Adorno e Horkheimer, mas sim por Kant (2005, p. 65) como o processo de libertação do homem de sua mediocridade, assim o homem tem que romper com a preguiça e o comodismo, e na medida em que se liberta e ousa atinge o esclarecimento.

[...] esclarecimento, porém, nada mais se exige senão liberdade. E a mais inofensiva entre tudo aquilo que se possa chamar liberdade, a saber: a de fazer um uso público de sua razão em todas as questões. Ouço, agora, porém, exclamar de todos os lados: não raciocineis! O oficial diz: não raciocineis, mas exercitai-vos! O financista diz: não raciocineis, mas pagai! O sacerdote proclama: não raciocineis, mas crede. Eis aqui, por toda a parte a limitação da liberdade (KANT, 2005. p. 65).

Além do termo “esclarecimento”, outro termo que nos ajuda a compreender esse processo histórico de racionalização é a “razão instrumental”, este é um termo usado por Horkheimer para designar os processos racionais que dominam e controlam a natureza e o homem, a razão neste processo deixa de ser conhecimento e passa a ser um instrumental, uma técnica.

Tendo cedido em sua autonomia, a razão tornou-se um instrumento. No aspecto formalista da razão subjetiva, sublinhada pelo positivismo, enfatiza-se a sua não-referência a um conteúdo objetivo; em seu aspecto instrumental, sublinhado pelo pragmatismo, enfatiza-se a sua submissão a conteúdos heterônomos. A razão tornou-se algo inteiramente aproveitado no processo social. Seu valor operacional, seu papel de domínio dos homens e da natureza tornou-se o único critério para avaliá-la (HORKHEIMER, 2002, p. 29).

Para explicar esse processo de racionalização Adorno e Horkheimer (1985, p. 24) aproximam ciência e mito. O medo do desconhecido, medo da perda do próprio eu, o medo da natureza ocasionou a criação de mitos. Como exemplo, temos o mito de Perséfone, que explicava a mudança das estações como inverno e primavera, por meio da relação da deusa com o marido e a mãe, quando ficava com o marido se tornava-se inverno, quando estava com a mãe se tornava-se primavera.

Portanto, o mito é fruto do “esclarecimento”, mito é análogo ao “esclarecimento”, na medida em que é uma forma de compreensão, de superação, é uma forma de poder ilustrado, de dominar o desconhecido. Porém o que diferencia o mito do “esclarecimento” é que o mito não rompe com a natureza, apenas tenta explicar a natureza de forma mística. Com o tempo o mito foi sendo substituído pelo “esclarecimento”, “o mito converte-se em esclarecimento e a natureza em mera objetividade” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 24).

Essa racionalidade concretizou a ciência moderna. Os pensadores que fundamentaram esses princípios da ciência moderna foram: Descartes, com o método cartesiano e Bacon, com o método empirista. Descartes na obra *O Discurso do Método* (2011) caracteriza principalmente o abandono do mito e pela busca de comprovações científicas. Ele acreditava que não havia nada que poderia se ter certeza, não podendo nem mesmo confiar nos sentidos, assim, contestando todas as verdades, a primeira certeza que se tem é que “penso, logo existo”. Já Bacon na obra *O Progresso do conhecimento* (2007), aproxima-se da experiência, para ele o conhecimento é a base do poder, o homem é “ministro e intérprete da natureza” (BACON, 1999, p. 33).

Na visão cartesiana, natureza é vista como uma ideia abstrata, ou seja, é todo o mundo externo, é algo composto por elementos matemáticos. Tanto Bacon, como Descartes, precursores do iluminismo, tinham a questão da ciência moderna como libertadora da natureza. Nesse processo hierárquico, a relação homem e natureza se estabelece como tensão para não mostrar que o homem é dominado pela natureza, este a domina.

O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para

dominar completamente a ela aos homens. Nada mais importa. Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência. Só o pensamento que se faz violência a si mesmo é suficientemente duro para destruir os mitos (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 24).

Outro problema do “esclarecimento” é que o conhecimento técnico científico passa a dominar não só a natureza nesse processo, mas também homem. Portanto, para os autores enquanto houver dominação da natureza também ocorrerá dominação do homem, independente do sistema econômico político vigente. Como exemplo, temos o trabalho ao mesmo tempo em que contribui para dominar a natureza, domina o homem por meio da alienação e da exploração.

O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los. O homem da ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu em-si torna para-ele. Nessa metamorfose, a essência das coisas revela-se como sempre a mesma, como substrato da dominação (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 18).

Assim, a razão nesse contexto se constitui como um paradoxo, do mesmo modo que ela melhora as condições de vida, domina a natureza, elimina as barreiras impostas pelos mitos, em que se têm o avanço técnico, das instituições, esta também contribui para o controle do indivíduo, ocasionando o esquecimento das esferas sociais, das condições humanas, a pobreza espiritual, a reprodução de discursos e atitudes totalitárias.

Neste sentido, Adorno e Horkheimer (1985, p. 12) percebem uma confusão entre pensamento e cientificidade, pois a cientificidade é hierarquicamente considerada uma forma legítima de pensar, ocasionando no que os autores chamavam de excesso de racionalismo, caindo por vezes no totalitarismo. O pensamento nesse processo deixou de “pensar”, a razão se tornou mero instrumento, perdendo a sua capacidade dialética e crítica, a racionalidade se torna um

novo mito, um dogma, uma nova maneira para dominar, “[...] o pensamento inevitavelmente se converte em mercadoria [...]” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 12).

Porém, não se trata de abandonar o esclarecimento, “não alimentamos dúvida nenhuma – e nisso reside nosso *petitio principii* – de que a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 13). Mas, de reconhecer que o “esclarecimento”, neste contexto, deixa de ser uma forma de conhecimento para ser um meio de poder, de dominação, de ideologia, o caráter crítico da ciência é neutralizado atendendo exclusivamente o mercado, deixando de ser libertadora para ser exploradora.

O desenvolvimento técnico, nesse processo, não levou ao fim do capital, mas apenas serviu para agravar ainda mais as formas de exploração e as injustiças sociais. “O que nos propusemos era, de fato, nada menos do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 11).

Portanto, a racionalidade apesar de ter uma proposta de libertação do homem pelo iluminismo, acaba se tornando o contrário, mas um meio de exploração e de totalitarismo na medida em que submete a natureza e os homens aos caprichos do mercado. “O esclarecimento é autoritário como qualquer outro sistema” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 37).

O caminho de emancipação que deveria ser trilhado pela ciência positiva estava se transformando em mudança de amarras. Ao invés de estarem presos aos mitos medievais, os indivíduos foram atados ao esquematismo do pensamento tecnológico, às leis do trabalho e à mediocridade da comunicação de massas (SILVA, 2006, p. 8).

O “esclarecimento” serviu para aprisionar o homem de corpo e alma, “o progresso se paga com coisas negativas e aterradoras, entre elas o desaparecimento do sujeito autônomo em um totalitarismo uniformizante” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 13). Ao dominar a natureza o homem domina sua própria natureza e um dos mecanismos de dominação é a indústria

cultural. Este foi um termo designado por Adorno e Horkheimer na obra *Dialética do Esclarecimento* (1985), no sentido de não só produzir mercadorias, mas produzir valores e símbolos, como meio de manter o capital, portanto, sua finalidade é manter as relações materiais de produção por meio de formas ideológicas de dominação.

Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes, ou seja, a classe que tem o poder material dominante numa sociedade é também a potência dominante espiritual. A classe que dispõe dos meios de produção material dispõe igualmente dos meios de produção intelectual; de tal modo que o pensamento daqueles a quem é recusado os meios de produção intelectual está submetido igualmente à classe dominante. Os pensamentos dominantes são apenas a expressão ideal das relações materiais dominantes concebidas sob a forma de ideias e, portanto, a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante; dizendo de outro modo, são as ideias e, portanto, a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante; dizendo de outro modo, são as ideias do seu domínio (MARX, 2007, p. 55 e 56).

Deste modo, a indústria cultural é um mecanismo de manutenção da ordem capitalista, “é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 114). Por meio de medidas subliminares, ela adentra e direciona o consumo e os pensamentos dos sujeitos, contribuindo com uma forma fordista de pensar, formando uma consciência massificada, “[...] preenchendo o vácuo da consciência expropriada e desviando a atenção do segredo conhecido por todos” (ADORNO, 1998, p. 20-21).

A indústria cultural, nesse processo, serve para mascarar as relações de produção, de exploração. Assim, apesar da falsa aparência que a sociedade é baseada na razão, na liberdade, a sociedade capitalista é mera extensão do capital. A indústria cultural intensifica o processo de alienação, produz sujeitos passivos, não participativos, produz uma cegueira em que os indivíduos perdem a crítica, a capacidade de pensar e de se mobilizar. A ideologia dominante gera uma falsa consciência, esta não corresponde com a realidade

vivida pelos sujeitos, naturaliza e fragmenta as relações de produção, mascara as relações de poder. Como podemos perceber pela explanação de Freire sobre os mitos que são perpassados em nossa sociedade:

O mito, por exemplo, de que a ordem opressora é uma ordem de liberdade. De que todos são livres para trabalhar onde queiram. Se não lhes agrada o patrão, podem então deixá-lo e procurar outro emprego. O mito de que esta “ordem” respeita os direitos da pessoa humana e que, portanto, é digna de todo apreço. O mito de que todos, bastando não ser preguiçosos, podem chagar a ser empresários – mais ainda, o mito que o homem que vende, pelas ruas, gritando: “doce de banana e goiaba” é um empresário tal qual como o dono de uma grande fábrica. O mito de o direito de todos à educação, quando o numero de brasileiros que chegam à escola primaria do país e dos que nela conseguem permanecer é chocantemente irrisória. O mito da igualdade de classe, quando o “sabe com quem você ta falando?” é ainda uma pergunta dos nossos dias. O mito do heroísmo das classes opressoras, como mantenedora da ordem que encarna a “civilização ocidental e cristã” que defende da “barbárie materialista” [...] O mito de que a rebelião do povo é um pecado contra deus. O mito da propriedade privada, como fundamento e desenvolvimento da pessoa humana desde, porém, que as pessoas humanas sejam apenas os opressores. O mito da operosidade dos opressores e o da preguiça e desonestidade dos oprimidos. O mito da inferioridade “ontológica” destes e o da superioridade daqueles (FREIRE, 1987, p. 137)

Os sujeitos tornam-se “[...] presas do processo global de produção” (HORKHEIMER e ADORNO, 1985, p.12). A cultura se torna mais uma mercadoria, há uma padronização das mentalidades, uma colonização das culturas, há uma domesticação do estilo, no qual todos passam a gostar das mesmas coisas, daquilo que é imposto pela mídia como o “correto”, o “certo” e o “bom”. Há uma massificação da cultura, dos conceitos e das ideias, a mídia utiliza um baixo nível de entendimento para atingir a todos, a fim de manter a ordem capitalista e os poderes constituídos, tornando a cultura de massa um mecanismo de controle e dominação que

contribuiu para a persistência da injustiça e da desigualdade social.

A produção de ideias e representações, da consciência, aparece a princípio diretamente entrelaçada à atividade material e ao intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real. As representações, o modo de pensar, a comunicação espiritual entre os homens se apresentam aqui, ainda, como emanação direta da sua relação material, tal como se manifesta na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica etc. de um povo. Os homens são os produtores das suas representações, das suas ideias etc. mas se trata de homens reais e ativos, condicionados por um determinado desenvolvimento das suas forças produtivas e pelo intercâmbio a ele correspondente, inclusive suas formas mais desenvolvidas. [...] E se em toda ideologia os homens e suas relações aparecem invertidos como em uma câmara escura, este fenômeno resulta do processo histórico de sua vida, assim como a inversão dos objetos ao se projetarem na retina resulta de seu processo diretamente físico. (NETTO e YOSHIDA, 2010, p. 98).

Nesse sentido, se constrói um discurso de preservação da natureza que é transmitido pela indústria cultural e internalizado pelas massas, fala-se de ecologia, de preservação dos recursos naturais, mas se esquece de que o capital converte a natureza em mercadoria, tendo uma visão utilitarista da mesma. A sociedade capitalista tem separado o homem da natureza, o papel da natureza neste contexto é atender o mercado, produzir cada vez mais mercadorias.

O sistema capitalista se baseia primordialmente no lucro, cada vez compramos mais, criamos novas “necessidades supérfluas”, o valor de troca vale mais que o de uso, gerando assim uma produção e um consumo de massa. Na busca por lucros, o consumo é estimulado através do marketing e da publicidade. A mídia não só propaga o consumismo como também contribui para esconder o modo de produção capitalista, o consumo passa a ser correlacionado com o status, em que valoriza mais o “ter” do que o “ser”, a “felicidade” passa a ser correlacionada com o consumo.

Os produtos da indústria cultural podem

ter a certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-los alertamente. Cada qual é um modelo da gigantesca maquinaria econômica que, desde o início, não dá folga a ninguém, tanto no trabalho quanto no descanso, que tanto se assemelha ao trabalho. É possível depreender de qualquer filme sonoro, de qualquer emissão de rádio, o impacto que não se poderia atribuir a nenhum deles isoladamente, mas só a todos em conjunto na sociedade. Inevitavelmente, cada manifestação da indústria cultural reproduz as pessoas tais como as modelou a indústria em seu todo (HORKEIMER e ADORNO, 1985, p. 118-119).

Os produtos passam a valer mais que o próprio sujeito criador, a criatura domina o criador. Um exemplo que Marcuse (1982, p. 31-32) nos oferece são os carros, esses são usados pelos homens para se reconhecer, assim, os homens são mera extensão das criações, constroem sua identidade por meio do consumo. Ele argumenta que a felicidade é incompatível com o modo de vida capitalista, que só têm falsas escolhas e uma felicidade efêmera, no qual o indivíduo precisa consumir para se constituir como sujeito.

Os meios de transporte e comunicação em massa, as mercadorias, casa, alimento, roupa, a produção irresistível da indústria de diversão e informação, trazem consigo atitudes e hábitos prescritos, certas reações intelectuais e emocionais, que prendem os consumidores aos produtos. Os produtos doutrina, manipulam, promovem uma falsa consciência. Estando tais produtos à disposição de maior número de indivíduos e classes sociais, a doutrinação deixa de ser publicidade para tornar-se um estilo de vida (MARCUSE, 1982, p.31-32).

### Considerações finais

O homem neste contexto vive uma crise ambiental, econômica, social, política e humana. Há uma exploração do meio ambiente, mas não só, há uma exploração de pessoas, que às expõe à poluição, as doenças, a trabalhos precários e a condições desumanas de vida.

A degradação ambiental está associada com a exploração da natureza pelo homem. Para manter o progresso tecnológico e industrial, há como consequência a destruição da natureza e do social, “o conceito de progresso deve ser fundamentado

na ideia de catástrofe. Que ‘as coisas continuem assim’, eis a catástrofe” (BENJAMIN, 2006, p. 515).

Assim, a exploração da natureza e do homem caminham juntas, sendo impossível dissociar as duas questões. Ao mesmo tempo que a razão possibilita a dominação da natureza, domina o próprio homem, o aliena, o submetendo a uma obediência passiva em um sistema político-econômico autoritário, dominador e cruel que o ludibria por via de uma manipulação cultural.

Portanto, o mito da natureza se constitui de três formas, a primeira caracteriza o mito que se criava para justificar os acontecimentos da natureza, como uma forma de explicação sobrenatural. A segunda forma se caracterizou também pelo mesmo princípio do mito, o de dominar, ou seja, o “esclarecimento”, a ciência moderna, vira um dogma, um novo mito, uma forma de poder e dominação da natureza. E a última forma se constitui pelo fato da indústria cultural mistificar o conceito, o discurso e a ideia que se tem de natureza, contribuindo para a manutenção do sistema capitalista, que usa a natureza e os homens a seu bel-prazer.

As pessoas têm medo de romper com essa sociedade instituída, com esses modelos de “razão”, como uma maneira de se proteger do enfrentamento, estas bloqueia a aprendizagem, a reflexão, “o medo que o bom filho da civilização moderna tem de afastar-se dos fatos – fatos esses que, no entanto, já estão pré-moldados como clichês na própria percepção pelas usanças dominantes na ciência, nos negócios e na política – é exatamente o mesmo medo do desvio social” (HORKHEIMER e ADORNO, 1985, p.14).

### Referências

- ADORNO, T. *Prismas/ Crítica Cultural e Sociedade*. São Paulo: Ática, 1998.
- BACON, F. *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O Progresso do conhecimento*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- BENJAMIN, W. *Teoria do conhecimento, teoria do progresso*. In: \_\_\_\_\_. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- BUUCKINGHAM, W.; BURNHAM, D.; HILL,

- C. (Org). *O Livro da Filosofia*. São Paulo: Globo, 2011.
- CREWELLJ. W. *Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 2ª ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.
- DESCARTES, R. *Discurso do método*. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HORKHEIMER, M. *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro, 2002. 187 p.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1985.
- KANT, I. *Resposta a pergunta: Que é esclarecimento? Textos Seletos*. Tradução Floriano de Sousa Fernandes. 3 ed. Editora Vozes: Petrópolis, RJ. 2005.
- LÖWY, M. *Ecologia e socialismo*. São Paulo: Cortez Editora, 2005.
- LEFF, E. *Educação ambiental e desenvolvimento sustentável*. In REIGOTA, Marcos (org.). *Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999 (p.111-129).
- LUKÁCS, G. *Consciência de classe*. In: VELHO, O. G.; PALMEIRA, M. G. S.; BERTELI, A. R. (Org.). *Estrutura de classe e estratificação Social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969. p. 15-57.
- MARCUSE, H. *A Ideologia da Sociedade Industrial – O homem unidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MATOS, O. C. F. *A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo*. São Paulo: Moderna, 1993.
- MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*. Lisboa: Avante, 2010.
- MARX, K; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MÉZÁROS, I. *Para Além do Capital: rumo a uma teoria da transição*. SP: Boitempo, 2002.
- \_\_\_\_\_. *O marxismo hoje: entrevista com Mézáros*. *Crítica Marxista*, Campinas, n. 3, p. 129-137, 1996.
- MOREIRA, D. A. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.
- NETTO, J. P.; YOSHIDA, M. M. C. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos / Karl Marx e Friedrich Engels; – 1ª Ed*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- PASSOS, R. D. F. *Os meios de comunicação como instrumento de poder: Theodor Ludwig Wiesengrund Adorno (1903-1969) e a indústria cultural*. *Cadernos do PET Filosofia, Piauí*, v. 2, n. 3, p.35-43, 2011.
- SILVA, M. W. M. *Teoria Crítica na Era da Indústria Cultural. Ou: Uma Análise da Derrota do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em Ciência da Literatura – Área Semiologia)- Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

#### Sobre os autores

**Barbara de Oliveira Rosa** - Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Serviço Social, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - UNESP de Franca/SP. Bolsista CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior - Demanda Social. E-mail: barbararass@hotmail.com.br

**Edney Wesley Antunes** - Doutorando em Serviço Social (FHS - UNESP Franca), mestre em Desenvolvimento Regional (Centro Universitário Municipal de Franca), psicólogo clínico, psicodramatista em formação (Casa do Encontro), bibliotecário do Centro Universitário Municipal de Franca, membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Famílias (GEPEFA) e membro do Centro de Estudos de Psicologia Analítica - Franca/ SP (CEPA). E-mail: edney@facef.br